

**Overall, Simon, E.; Vallejos, Rosa; Gildea, Spike (eds.) (2018).**  
*Nonverbal predication in Amazonian languages* (Typological  
Studies in Language 122). Amsterdam/Philadelphia: John  
Benjamins. Pp. 407. ISBN 978 90 272 0052 5 (HB).

Resenhado por Angel H. Corbera Mori  
Universidade Estadual de Campinas, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0003-1712-6550>

Camille Cardoso Miranda<sup>1</sup>  
PG. Universidade Estadual de Campinas, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-3920-6247>

O livro “*Nonverbal predication in Amazonian languages*”, organizado por Simon E. Overall; Rosa Vallejos e Spike Gildea é uma coletânea de 14 capítulos adequadamente selecionados dos 32 trabalhos apresentados na “Conferência Internacional Amazônicas v”, realizado na cidade de Belém (PA), no ano de 2014, Brasil. O volume está constituído de uma diversidade de línguas faladas na América do Sul, são 14 línguas descritas individualmente que pertencem às famílias linguísticas: Arawak, Tukano, Mataguayo, Guaykuru e uma língua isolada, o Movima. O livro também oferece um capítulo escrito por Spike Gildea, que aborda os aspectos histórico-comparativos da cópula e de construções de predicados não-verbais em línguas da família Karib. As análises apresentadas em cada artigo oferecem considerações tipológicas bem formadas de construções predicativas não-verbais, uma área que ainda não teve um estudo translinguísticos nas línguas faladas na região da Amazônia.

O primeiro capítulo, “Nonverbal predication in Amazonia: Typological and diachronic considerations” (p. 1-49), escrito pelos editores, é uma apresentação panorâmica do que se conceitua por predicação não-verbal. Os apresentadores trazem um breve apanhado dos aportes teóricos da tipologia sobre a predicação não-verbal discutidos por diversos autores, entre eles (Hengeveld 1992; Stassen 2009; Givón 2001; Dryer 2007; Dixon 2010; entre outros). A partir disso, Overall et al. estabelecem sua própria tipologia semântico-

---

<sup>1</sup> Bolsista da FAPESP, processo 2018/18072-1

funcional da predicação não-verbal, e que norteia os diversos trabalhos que conformam esta publicação (cf. Tabela 1, p. 6).

Nessa apresentação incluem-se também exemplos variados e uma seleção de dados representativos sobre o tema, extraídos de estudos disponíveis sobre as línguas amazônicas. Os editores definem estruturalmente a predicação não-verbal como cláusulas<sup>2</sup> que ora lhes faltam um verbo lexical, ora têm um verbo semanticamente vazio ou reduzido, geralmente uma cópula. A função da cópula serve como assinalador para indicar ao receptor que o núcleo do predicado é um elemento não-verbal (p. 2).

Outro aspecto abordado por Overall e seus colegas é a discussão sobre o que constitui uma língua Amazônica, sob uma visão estritamente geográfica, seriam línguas amazônicas aquelas faladas dentro de um território cuja bacia hidrográfica desagua no rio Amazonas. Contudo, eles são cientes que há línguas e famílias linguísticas constituídas de diferentes línguas que são faladas em ambos os lados dos morros divisores da drenagem Amazônica, de terras que escoam outros rios, como o Orinoco ao norte e o Panará ao sul. Por não existir um critério adequado seja geográfico ou linguístico, os autores optam por seguir a distinção americanista entre línguas das terras baixas e línguas dos planaltos ou línguas da bacia amazônica e aquelas faladas nos Andes, como descrito na tese de Birchall (2014).

Este capítulo aborda também as propriedades estruturais das línguas tratando de sistematizar as características dos elementos não-verbais que seriam considerados como predicados, tais como os nomes, adjetivos e sintagmas adverbiais, estes últimos constituídos por sintagmas adposicionais e sintagmas nominais em função de obliquos. Nessa seção se elencam dados de línguas que apresentam predicação não-verbal e que se assemelham a uma predicação verbal, assim como línguas de predicação não-verbal que apresentam estruturas diferentes da predicação verbal (cf. p. 12-21). Também são discutidos os casos de cópulas parcialmente verbais, alternâncias e casos de supletivos condicionados por diversos fatores e que ocorrem em uma única construção, além das funções semânticas que são codificadas nas estratégias de identificação, categorização, propriedade, existência e posse. Enfim, outro aspecto relevante abordado no capítulo 1 se relaciona com o tratamento tipológico no desenvolvimento diacrônico da predicação não verbal e das cópulas, e como elas se manifestam concretamente nas línguas Amazônicas.

Além da apresentação teórica e descritiva que norteiam cada artigo, o volume da publicação está dividido em três seções principais: I) “Overviews of nonverbal predication in individual languages”, parte que compreende oito capítulos que tratam da predicação não verbal nas línguas Mojeño Trinitario, Paresi-Haliti, Kari’nja, Aguaruna, Kotiria/Wai’khana, Secoya, Movima, Ninam, II) “Exploring specific subtypes of nonverbal predicates”, seção constituída por dois artigos, o primeiro trata sobre a predicação locativa, existencial e possessiva em Nivâcle e Pilagá, duas línguas da famílias Mataguayo e Guaykuru, da região do Chaco argentino. O segundo artigo examina as correlações que operam entre as relações semântica possessiva e seus respectivos tipos de construções em Kukama-Kukamiria, III) “Diachronic pathways to and from nonverbal predication”, última seção do volume com três artigos que tratam especificamente dos caminhos diacrônicos de e para a predicação não verbal que se desenvolveram nas línguas Wampis, Aweti e em

<sup>2</sup> Nessa resenha, glosaremos o termo *CLAUSE* do Inglês como cláusula ou oração.

línguas da família Karib. Nos parágrafos seguintes dessa resenha, apresentaremos uma breve descrição dos tópicos mais relevantes tratados em cada capítulo.

Em “Nonverbal predication and the nonverbal clause type of Mojeño Trinitário” (p. 53-83), escrito por Françoise Rose, trata da codificação de dez funções da predicação não-verbal em Mojeño Trinitario, uma língua da família Arawak falada nas terras baixas da Bolívia. Segundo a autora, as diversas construções podem ser organizadas em três tipos de cláusulas, identificadas como verbal, não-verbal e existencial. Dessas, as não-verbais são as mais usadas, pois incluem os tipos semânticos que se relacionam com equação, inclusão, atribuição, locação, além de tipos geralmente negligenciados pelos estudos tipológicos, tais como as construções de quantificação e temporalidade. Nesse sentido, ressalta-se a importância da língua Mojeño Trinitario, pois ela mostra casos de predicação não-verbal com significados de temporalidade, podendo ser de tipo i) adverbial: *'chochu* ‘amanhã, um dia futuro’, *kope* ‘ontem, um dia passado’, ii) nominal: *sache* ‘dia’, *yoti* ‘noite’, *kopere* ‘tarde’, *ora* ‘hora’. As construções que denotam temporalidade usam uma mesma construção geral, que consiste na justaposição de um sintagma nominal e um predicado não-verbal, que, por sua vez, recebe marcador de pessoa de 1<sup>era</sup>, 2<sup>da</sup> ou um argumento plural de 3<sup>ra</sup> pessoa. Estruturalmente, o argumento segue o predicado quando seu núcleo é um sintagma nominal pleno, e precede o predicado quando o argumento é apenas dado por um pronominal (p. 65). Outro tipo de construção de ocorrência incomum nas línguas, envolve uma predicação cujo referente nominal adquire simultaneamente um sentido existencial e de quantificação. São consideradas cláusulas não-verbais pelo fato de ser: a) construções formadas estruturalmente por um predicado nominal sem sintagma nominal algum ou pronomine justaposto a ele, e b) o predicado nominal é marcado por *-ini*, um sufixo que funciona como marcador de cópula (p. 69).

O seguinte artigo, “Nonverbal predication in Paresi-Haliti (p. 85-102), é de Ana Paula Brandão. Brandão descreve três tipos de estratégias usadas na predicação não-verbal em Paresi-Haliti, língua Arawak, falada na região do Mato Grosso (Brasil), com uma população de aproximadamente 3000 pessoas. Nesse capítulo, a autora discute as construções que correspondem aos tipos de predicação nominal, adjetival, locacional, existencial e possessiva, que se relacionam aos três tipos de estratégias de codificação: predicação sem nenhuma manifestação visível de cópula, predicação marcada pela cópula *tyaona* ou *aka*, e predicados que são marcados pelos prefixos característicos das línguas Arawak: o atributivo *ka-* e o privativo *ma-*. A cópula *tyaona* ‘COP/TORNAR-SE’ é usada no tempo passado ou no futuro, ocorre com clíticos e marcadores de aspecto e está presente em todos os predicados não-verbais, exceto em construções de predicados de posseção. Quando *tyaona* opera em função de verbo principal o seu significado correspondente é ‘viver, nascer, ficar, tornar-se’. À diferença de *tyaona*, a cópula *aka* ‘EXISTENCIAL’ não leva clíticos e sua ocorrência se restringe a cláusulas de negação (p. 91).

Em conformidade com a autora, os predicados nominais em estruturas de posseção atributiva o elemento possuído ou núcleo é marcado pelo prefixo *ka-* ‘ATRIBUTIVO’, o possuidor opera na função de sujeito sintático da cláusula predicativa. Esse tipo de construções de posseção com o prefixo atributivo *ka-* pode também ser negado recorrendo a duas estratégias: i) a construção possessiva atributiva marcada com o prefixo *ka-* e com o sufixo nominalizador *-ye*, que se sufixa ao elemento possuído, e toda a cláusula nominal sendo precedida pela partícula *maiha* ‘NEG’, ii) na segunda estratégia, o elemento possuído

## CORBERA MORI e MIRANDA –Nonverbal predication...

é marcado pelo prefixo *ma-* ‘PRIVATIVO’. O uso dessas duas estratégias de negação de construções de posseção, é exemplificado por Brandão através dos seguintes dados:

- (1) a.    *maiha*                    *nokaitsaniye*  
          *maiha*                    *no=ka-itsani-ye*  
          NEG                    1SG=ATR-filho-NMLZ  
          ‘Não tenho filho/s’
- b.    *maitsanhalo*  
          *ma-itsani-halo*  
          PRIV-filho-FEM  
          ‘Aquele que não tem filho(s)’/‘ela não tem filho(s)’

(Brandão 2018: 100)

Em “Nonverbal predication in Kari’nja (Cariban, Suriname)”, capítulo 4, (p. 103-134), escrito por Racquel María Sapién, traz um estudo sistemático das propriedades formais e funcionais de três construções usadas para codificar estruturas predicativas não-verbais em Kari’nja, uma língua Karib do Suriname. Esses três tipos de predicação não-verbal, segundo a autora, diferenciam-se um do outro em termos da marcação de pessoa, negação, TAM, número, formas de interrogação e em relação ao tipo de complementos que cada um deles permite. Além das características formais, essas construções também diferem entre si pela categorização funcional que elas codificam. O primeiro tipo de construção que predica o estado do SN sujeito estrutura-se por simples justaposição de dois elementos nominais, elementos que não recebem as propriedades de um verbo, ou seja, as categorias funcionais típicas de pessoa, número ou de tempo, aspecto e modo (TAM). Nessas construções justapostas, o sujeito nominal pode ser dado por um nome pleno, um pronome ou pela relação sintagmática [POSSUIDOR-POSSUÍDO], como mostram os vários exemplos citados nas páginas 107-110, do artigo. O segundo tipo de predicativa não-verbal que Sapién examina, são construções marcadas por *a*, uma cópula que funciona como elemento relacionador entre o sujeito e seu complemento, mas sem apresentar conteúdo semântico adicional. A diferença da construção apositiva, esse tipo de construção, morfologicamente pode ser flexionado pelas categorias funcionais de pessoa, número, tempo e certeza, além disso, essa cópula é uma raiz complexa, pois ela sempre ocorre marcada pelos prefixos de pessoa que justamente identifica o sujeito (cf. Tabela 1, p. 111). Por fim, o terceiro tipo de predicação são construções que apresentam o verbo lexical intransitivo *e’i*, que também funciona como cópula (p. 106). Em sua função, esta cópula tem a propriedade de verbo, recebendo sufixos de tempo, aspecto, modalidade e número. Além de sua função de cópula em predicções estativas, *e’i* pode, igualmente, codificar processos incoativos do tipo *become* ‘tornar-se’, ou ações como *do* ‘fazer’ (p. 124).

Simon E. Overall, em “Nonverbal predicates and copula constructions in Aguaruna (Chicham)” (p. 135-161), descreve a predicação não-verbal no Aguaruna (*Awahún*), uma língua da família Jívaro falada na região da Amazônia Norte Peruana. Consoante com o autor, em Aguaruna uma cláusula cópula envolve a participação de dois argumentos: a cópula sujeita e a cópula complemento. Semanticamente, as cláusulas em Aguaruna predicam construções equativas, inclusão própria e relações atributivas, além do verbo

lexical *nahani-t(a)* que forma cláusulas de relação incoativa com o significado de *become* ‘tornar-se’, ‘converter-se’ (p. 143). Por outro lado, o verbo lexical existencial *a-* ocorre na formação de cláusulas intransitivas, é usado para codificar existência, locação. Em conjunto com um aplicativo, o verbo existencial forma uma oração transitiva, codificando estruturas de posse. Nesse caso, o possuidor, que leva o clítico =*na* ‘acusativo’ é codificado como o objeto adicionado pelo aplicativo, e o elemento possuído, que seria o argumento *s* da respectiva construção existencial, é o SUJEITO (p. 145).

Na língua Aguaruna, a cópula pode ser um verbo pleno, um enclítico do argumento do complemento da cópula, ou a oração pode ser apenas uma justaposição entre o argumento externo e seu predicado. Overall considera dois critérios básicos para conceituar as orações com cópula: i) o primeiro critério, estritamente formal, leva em conta o contexto de transitividade e as relações gramaticais, ii) o segundo critério considera as categorias funcionais de tempo, modo e número do sujeito, também o *status* finito e não-finito das orações (p. 137).

Nesse estudo, Overall cita dois verbos lexicais que semanticamente codificam identidade e subcategorizam dois argumentos em caso nominativo: o sujeito cópula e o complemento cópula. Trata-se, sobretudo, dos verbos *dikapi-t(a)* ‘feel’, ‘sentir’ e *nahani-t(a)* ‘become’, ‘tornar-se’, ‘converter-se’. Há poucos verbos lexicais que geralmente aparecem como cópulas em construções intransitivas, mas que requerem de um segundo argumento em caso nominativo, isso acontece com o verbo *waha-t(a)* ‘stand be’ ‘ficar’, ‘ser’.

Na última seção sobre construções de cópula, além das orações de cópula (p. 156-158), Overall mostra que a língua Aguaruna recorre frequentemente ao uso de construções auxiliares para a marcação perifrástica de tempo e aspecto. Essas duas funções são preenchidas pelo verbo intransitivo *puhu-t(a)* ‘live’, ‘viver’, ‘estar’, ‘residir’ e pelo enclítico cópula = $\tilde{i}$  ‘COP.NVIS.3.DECL’ (p. 156-157). Esse enclítico copulativo adquire a função de auxiliar com o verbo principal nominalizado, como mostra o exemplo a seguir:

(2) <i>mi=na</i>	<i>apa-ŋ</i>	“ <i>auŋ-nu-w=<math>\tilde{i}</math></i> ”	<i>tu-sã</i>
1SG=ACC	pai-PSSD.1SG	ler-NMLZ-EP=COP.NVIS.3.DECL	dizer-SBD+3.SS
<i>hintin-kaŋt-inu=n</i>		<i>uha-ka-bi</i>	
ensinar-1PL.OBJ-NMLZ=ACC		dizer-PFV-INT.PAST.3.DECL	
‘meu pai disse ao professor, dizendo “ele pode ler” (lit. ‘ele é um leitor’)			
(Overall 2018: 157)			

No subsequente capítulo, “Nonverbal predication with and without the copula in Kotiria and Wa’ikhana (East Tukano)” (p. 163-192), Kristen Stenzel descreve a predicação não-verbal em Kotiria (Wanano) e Wa’ikhana (Piratapuyo), duas línguas do sub-ramo da família Tukano-Oriental, que são faladas no noroeste amazônico, estado do Amazonas, Brasil, e no departamento do Vaupés, na Colômbia.

Stenzel discorre sobre o uso das cópulas *hi*, em Kotiria e *ihi* em Wa’ikhana, formas cognatas que ocorrem em sentenças que codificam as categorias funcionais de predicação não-verbal, elas se manifestam formalmente com predicados nominais, locativos, e com adjetivos nominalizados. Em sentenças com predicados nominais esses marcadores

expressam funções de identidade (inclusão própria e orações equativas (Payne 1997: 114). Segundo a autora, esses predicados nominais podem também indicar existência, uma característica muito comum no discurso de ambas as línguas. Esses predicados também denotam locação temporária de uma entidade, ou uma associação espacial de tipo geral ou mesmo permanente. Em todos os casos são formas locativas que indicam lugares onde as entidades vivem, existem ou se originam (p. 169). Predicados adjetivos nominalizados ou conceitos atributivos, formam-se com base de uma destas duas possibilidades: i) nominalização de um verbo estativo de qualidade, descrito como “aquele que é X, tem a propriedade ou a qualidade X”, ii) o predicado adjetivo nominalizado atribui um atributo a uma entidade com o traço [animado]. Nesse segundo tipo, o núcleo da nominalização é uma raiz nominal ou um sintagma nominal pleno, além de o núcleo ser marcado com o sufixo atributivo *-ti*, que denota uma entidade como “ter X, um atributo/propriedade” (p. 173).

Um segundo morfema raiz em função de cópula, tanto em Kotiria como em Wa'ikhana, é *~di* [nĩ] que opera como auxiliar em construções progressivas, que se caracterizam por ter um complemento nominalizado, construções progressivas são comuns no discurso e fala diária (Stenzel 2018: 183).

Anne Schwarz em “Between verb and noun: Exploration into the domain of nonverbal predication in Ecuadorian Secoya” (p. 193-216), detalha a predicação nominal no Secoya. Essa língua faz parte da família linguística Tukano Ocidental, falada na região Amazônica do Equador e Peru. A autora caracteriza o Secoya como uma língua que se caracteriza por recorrer a vários recursos gramaticais para expressar construções de predicação não-verbal. O foco de seu estudo é a partícula cópula *-a-*, que se liga diretamente ao nominal predicativo, para codificar noções equativas ou inclusão própria. Embora essa partícula assuma algumas semelhanças com os verbos, pelas suas peculiaridades morfossintáticas não poderia ser analisada como verbo (Schwarz 2018: 193). Esta partícula é usada tanto com nomes derivados quanto com não derivados, geralmente recebe o sufixo *-ʔi*, marcador de evidência direta, da Série I, que se aplica a nomes com o traço [inanimado]. Essa partícula também ocorre em construções de particípio tendo com função principal a de complementar a estrutura do verbo finito.

Outra forma de predicação não-verbal no Secoya Equatoriano dá-se através da cópula verbal locativa-existencial *paʔi-* ‘locação ser, existir’, esta cópula é usada, sobretudo, para denotar estados permanentes, mas também estados transitórios. Este verbo existencial-locativo funciona como verbo de cópula auxiliar quando os contextos em que nem a partícula cópula nem a cópula zero são aceitáveis, pois é necessária uma especificação de aspecto-temporal não-presente (p. 207), isso ocorre quando o uso de cópulas não-verbais se torna insuficiente (p. 214).

Outros dois tópicos presentes na discussão de Schwarz relacionam-se com as formas do particípio de afiliação e do particípio atributivo. O primeiro se relaciona com as formas *aki*, *ako*, *akowaʔi*, *aje* ‘aquele(s) que pertence(m)’ ou ‘aquele(s) de’. Essas formas, segundo a autora, teriam sua base na raiz verbal *a-*, sendo usada para estabelecer relações de posse, cuja referência é ao possuidor, que, por sua vez, fica em relação intrínseca com o elemento possuído. O segundo tópico, o do particípio atributivo, identificado pela base temática *ki'i*, faz referência a alguém ou algo com propriedades corporais específicas,

principalmente aqueles traços que se caracterizam por terem um longo período de tempo. (p. 211)

No capítulo 8, “Nonverbal predication in Movima” (p. 217-244), Katharina Haude aborda a predicação em Movima, uma língua “isolada”, falada por algumas centenas de pessoas idosas que habitam no povoado de Santa Ana del Yacuma e seus arredores, Bolívia.

Em Movima, segundo a autora, as fronteiras entre nome e verbo são muito tênues, pois essa língua não apresenta marcação morfológica de categorias funcionais seja de tempo, aspecto e modo que caracteriza os verbos, seja as de gênero, número ou caso, categorias típicas dos nomes. Como consequência disso, nem sempre é possível distinguir predicado nominal do predicado verbal, além disso, não há cópula que marque uma construção não-verbal. Assim sendo, a autora considera como critério útil a forma que o predicado assume em uma oração complementar, adverbial ou negada (p. 222)

Como predicados nominais são tratadas as cláusulas equativas e a reduplicação nominal em predicados possessivos. A cláusula equativa nominal é interpretada como “X é N(ome)”, onde X é a entidade codificada como o argumento; somente nomes comuns não possuídos funcionam como predicados nominais, os nomes possuídos não ocorrem como predicados (p. 225). Em nomes reduplicados que funcionam como predicados possessivos, é indicado pela forma de um predicado nominal monovalente. Nesse caso, um pé iâmbico inicial do nome com a estrutura silábica (C)VCV, (C)VC, ou (C)V: é reduplicado para formar um predicado possessivo (p. 226).

Haude, inclui em sua discussão, outros predicados não-verbais que ocorrem como predicados de orações intransitivas, que pertencem às classes lexicais fechadas. Esses predicados são orações encaixadas (“*embedded*”) derivados mediante o sufixo *-niwa* ‘VBLZ.NMLZ’. Os predicativos que recebem esse sufixo são vistos como predicados não-verbais, pois não podem combinar-se diretamente com o nominalizador verbal *-wa*. Nesse conjunto, são descritos os predicados: i) demonstrativos, que incluem aqueles orientados aos participantes do ato de fala (SAP); os posicionais e os demonstrativos que se referem a entidades ausentes, ii) os advérbios locativos, iii) cópula negativa dada pelo negativo existencial *ka* em combinação com o clítico determinante =s, criando fonologicamente a sequência *ka=s* [NEG=DET].

Na última seção do artigo, Haude descreve a função dos pronomes livres como predicados em contextos de: i) ocorrência independente, ii) em combinação com uma cláusula adverbial, iii) em combinação com nomes nus ou com verbos, que em seu conjunto, a autora os denomina “construção predicado pronominal”. Ela se vale de evidências de tipo sintático para mostrar o *status* das palavras lexicais em construções pronominais no contexto de predicação subordinada. Em outro tipo de construções, as palavras de conteúdo lexical ocorrem precedidas por uma expressão de referência, concretamente por um determinante e por cláusulas relativas com núcleo (p. 239).

O último texto da primeira parte dessa coletânea trata da predicação não-verbal em Ninam, escrito por Gale Goodwin Gómez (p. 245-259). O Ninam é uma língua da família Yanomami. Concretamente, o artigo é sobre o Xiriana, o dialeto norte de Ninam. Os falantes dessa variedade habitam regiões do estado de Roraima, Brasil e em torno da fronteira no sul da Venezuela.

Gómez mostra que os predicados não-verbais carecem de cópula, fato que os distingue de suas contrapartes verbais. Esses predicados não verbais desempenham as funções de existência, equação, possessão e locação; enquanto, os predicados atributivos são analisados como verbos adjetivais.

O foco da análise da autora é a análise do morfema *kii* visto como marcador de cópula que, estruturalmente, ocorre em predicados nominais e locativos, mas não em predicados adjetivais. A função principal dos predicados nominais é de existenciais e equacionais. Os predicados não-verbais locativos são marcados pelo clítico =*ha*, e podem ocorrer na posição inicial, média ou final da sentença.

A construção de predicado nominal em Ninam (Xiriana) é o tipo de predicado não-verbal que tem como núcleo da cláusula um nome ou um pronome. Uma categoria lexical é vista como nome quando leva os sufixos de número, genitivo, ergativo e clíticos. Dentro os clíticos são incluídos os classificadores e os possessivos. Uma forma possessiva pode ser indicada por um proclítico, um sufixo genitivo ou por um pronome possessivo independente.

O predicado não-verbal locativo, funciona como locativo e como existencial, esse tipo de predicados são construções que têm como núcleo um sintagma locativo, em que o nome é acompanhado pelo clítico locativo =*ha* e pelo clítico direcional =*ham* (p. 253). Por sua parte, os predicados não verbais adjetivais ocorrem sem cópula, e dado que carecem de marcadores de flexão verbal, ocorrem, na maioria das vezes, no tempo presente ou em temporalidade habitual. Esse tipo de predicação pode ser modificado por um advérbio ou ocorrer acompanhado por quantificadores em posição final da sentença.

Na seção final de seu texto, Gómez levanta a questão se haveria a categoria adjetival em Ninam. Com base em Dryer (2007), ela conclui que a interpretação mais coerente em Ninam é considerar os adjetivos como uma subclasse de verbos, considerando o fato que os “adjetivos” nessa língua recebem morfologia verbal e gramaticalmente se comportam como verbos quando funcionam como predicados.

A segunda parte dessa obra começa com o artigo “Locative, existential and possessive predication in the Chaco: Nivaçle (Mataguayan) and Pilagá (Guaykuruan)” (p. 263-294) cujos autores são Doris L. Payne, Alejandra Vidal e Manuel A. Otero. O Nivaçle e o Pilagá são línguas que geograficamente se localizam na região do Chaco Argentino. Nessas duas línguas, segundo as autoras, os elementos cópulas podem relacionar dois sintagmas determinados para predicar locação, possessão e existência. Contudo, individualmente cada língua usa uma forma de cópula tanto para as construções de predicação não-verbal existencial quanto as de possessão, igualmente cada uma dessas línguas recorrem a formas copulares diferentes para a predicação locativa. As autoras abordam cada língua em seções separadas, o primeiro a ser tratado é a língua Nivaçle.

Em Nivaçle, a frase predicativa não é marcada por afixos marcadores de pessoa, igualmente as cláusulas principais não levam determinantes. Itens considerados verbos, nomes e adjetivos em línguas europeias operam como predicados in Nivaçle. Outra característica, segundo as autoras, são os termos que denotam entidades concretas como ‘árvore’, ‘cachorro’, que em Nivaçle é decodificado como ‘É uma árvore’ ou ‘ele/ela é um cachorro’ (p. 270). Os predicativos descritos são aqueles que desempenham as funções de locação, existência e possessão. Além de considerar dois tipos de predicação de possessão,



as autoras salientam dois tipos de possessão negativa; ambos os tipos se organizam com base no negativo existencial *ôm/am* ‘NEG.EXISTIR, ficar faltando’

Na língua Pilagá ocorrem cópulas verbais diferentes, uma que pode ser entendida como ‘existir’ e duas formas entendidas como ‘estar localizado em’. Assim como na língua Nivaê, a cópula ‘existir’ ocorre com predicação existencial e possessiva, mas a cópula ‘estar localizado em’ não ocorre em predicativas de possessão. Os tópicos incluídos na descrição da predicação em Pilagá incluem a locativa afirmativa, a existenciais afirmativa, a afirmativa possessiva e as construções negativas. No domínio da negação são descritas as predicativas locativas, existenciais e possessivas, todas elas se caracterizam por terem as formas seguintes:

- (3) a. *qaga’/qaga’te* ‘NEG.EXISTIR.ANIMADO’  
 b. *qaya’/qaya’te* ‘NEG.EXISTIR.INANIMADO’  
 c. *qayawa* ‘NEG.EXISTIR.PL’

(Payne; Vidal; Otero 2018: 285).

Como uma das conclusões levantadas pelas autoras se relaciona com o possível contato areal entre Pilagá e Nivaê, hipótese fundamentada pelo número de similaridades encontradas nas construções não-verbais. Por exemplo, ambas as línguas usam cópulas diferentes em construções predicativas afirmativas locais em contraste com as predicativas de existência/possessão. Ambas, igualmente, contam com cópulas supletivas de negação.

Em sequência, o texto “Possessive semantic relations and construction types in Kukama-Kukamira” (p. 295-313), escrito por Rosa Vallejos, aborda as correlações entre as relações semânticas dos possessivos e os tipos de construções em Kukama-Kukamira, uma língua da família linguística Tupi-Guarani falada na região do Alto Amazonas, na Amazônia peruana.

Vallejos inicia seu estudo ressaltando o fato que o Kukama-Kukamira, carece de verbos lexicais como ‘ter’ (*have*), ‘pertencer’ (*belong*) ou mesmo uma cópula específica para predicar o conceito de propriedade (*ownership*). Contudo, a possessão nessa língua pode ser inferida a partir de outras construções, que incluem: i) a predicação nominal, que consiste na justaposição de dois SNs, sendo que o primeiro SN identifica o possuidor, enquanto o segundo SN, o possuído, ii) uma construção existencial, em que tanto o possuidor quanto o possuído estão inseridos no SN, iii) uma combinação entre as construções existencial e locativa. Nesse caso, o elemento possuidor se manifesta no sintagma locativo, e o possuído apenas no SN.

Após uma breve apresentação do que seria *ownership* (‘propriedade’) em Kukama-Kukamira, e de alguns aspectos teóricos sobre os tipos e características semânticas das estruturas de possessão nas línguas naturais, a autora se centra no tema da possessão nessa língua. Ela descreve quatro formas de construção para expressar os tipos de relações semânticas da possessão: i) Construção equativa, que se estrutura pela simples justaposição de dois SNs, sem nenhum elemento de ligação entre eles. Nesse tipo de construção, o morfema *yara* ‘dono’ ocorre posposto ao elemento possuído, e o possuidor é indicado pelo primeiro SN. Sintaticamente, o possuidor representa o sujeito e o elemento possuído, o predicado, ii) em construções existenciais são incluídos três tipos: a) existencial genitivo,

b) tópico existencial, c) existencial locativo. Essa classificação segue os lineamentos dos tipos de esquemas existenciais discutidos em Heine (1997). Segundo Vallejos, desses três tipos de construção atestados em Kukama-Kukamiria, os tipos a) e b) são os mais produtivos, mas todos eles precisam da mediação do verbo *emete* ‘existir’, para que a construção seja gramatical. No caso do tópico existencial ressalta-se a topicalização pragmática do possuidor, que ocorre como tópico da sentença. Nesse tipo de posseção, o SN deslocado à posição esquerda da construção é correferente com o possuidor, como mostra o seguinte exemplo da autora:

- (4) [animaru=*kana*]<sub>i</sub>    *emete*    *inu*<sub>i</sub>    *piruara*    *tsa*  
 animal=PL.FMS    existir    3PL.FMS    pele    cabelo

TOP

‘Os animais têm pelos na pele’ (lit. ‘quanto aos animais, os pelos da pele existem’)

(Vallejos 2018: 307)

Dando abertura à parte III da obra, Jaime Peña, em seu capítulo sobre “Constructions with *has(a)* in Wampis” (p. 317-337), descreve o comportamento da cópula verbal *has(a)* ‘tornar-se (*become*)’ em Wampis, uma língua da família Jívaro, falada na região do nordeste amazônico do Peru. Segundo a observação de Peña, *has(a)* pode ocorrer como um verbo pleno flexionado ou, bem, como uma partícula de cópula invariável. Esse morfema teria sido originado a partir da redução fonética do verbo de postura *waha-* ‘(*stand*) ficar de pé’, provavelmente através do uso desse verbo em predicados locativos e existenciais (p. 317).

De acordo com Peña, uma construção de cópula simples em Wampis é dada por uma cópula que vincula dois SNs nominativos nominais, ou um SN nominativo e um modificador atributivo, que pode ser um adjetivo ou um nome em função atributiva. O autor sugere que diacronicamente o morfema *has(a)* seria o resultado da gramaticalização do verbo de posição *waha-* ‘ficar, estar parado’. Ele discute vários tipos de evidências para sustentar sua hipótese, entre elas: i) evidência translinguística, que mostra ser muito comum que verbos de postura sejam a origem de formas auxiliares e de cópulas verbais, ii) o uso do verbo *waha-* em predicados locativos e existenciais. Justamente, seu uso nesse tipo de predicados teria estendido sua função para outros tipos de predicação não-verbal, seguindo a via de gramaticalização: ‘*stand*’ > ‘*be*’ > ‘*become*’ (p. 322), iii) a base verbal *waha-* pode formar uma base temática ao receber os sufixos de *Aktionsart* –*ka* ‘ação intensiva’ e –*sa* ‘ação atenuativa’ (Peña 2015). Em termos gerais, o tema verbal *waha-sa* ‘stand-Atenuativo’ tem um sentido de verbo estativo, que a língua Wampis teria reanalisado para expressar mudança de estado: uma ação incoativa ‘tornar-se’, além de ter ocorrido uma redução fonética de *waha-sa* para *has(s)*. Dados de outras línguas da mesma família Jívaro como Aguaruna e Shuar são fortes evidências para essa interpretação.

Sincronicamente, *has(a)* < \**waha-sa* ‘stand-Atenuativo’ adquiriu a função de verbo copulativo, que vincula dois SNs, um SN sujeito copulativo (geralmente um não agente) e um complemento copulativo SN ou um SADJ, construção que tipicamente incluem funções de inclusão própria e atribuição (p. 325).

A seguir, o texto “Evidence for the development of action nominals in Awetí towards ergatively-marked predicates” (p. 339-363), de Sabine Reiter, é uma exposição dos predicados não-verbais sem cópula em Awetí. O Awetí é uma língua do tronco Tupí,

falada por pessoas que habitam a região do Alto Xingu, Parque Indígena do Xingu, no estado de Mato Grosso, Brasil.

O capítulo escrito por Reiter visa dar elementos para demonstrar que em Awetí se originou uma reanálise dos núcleos de construções de ações nominais junto com os SNs das estruturas de posse, perdendo sua marcação pragmática, passando, dessa forma, a se desempenhar como núcleo das cláusulas predicativas. A autora começa seu estudo esclarecendo que os predicados não-verbais em Awetí podem ser divididos em atributivo, equativo e locativo. Ela destaca o fato que as cláusulas equativas com predicados estarem constituídas de certos tipos de nominalização, sobretudo, nominalizações de ação marcadas pelo sufixo *-tu*, formados a partir de bases verbais ativas ou estativas (p. 341).

Na língua Awetí, as construções nominais de ação formam-se a partir de temas verbais ativos transitivos, exceto as construções com o prefixo *mi-* que são nominalizações pacientivas intransitivas. Na sintaxe da língua Awetí, essas nominalizações funcionam como modificadores de SNs e SVs, assim como complementos de posições. Em relação à ordem dos constituintes, as construções de nominalização de ação ocorrem em um padrão de alinhamento ergativo-absolutivo, pois o argumento P em uma construção nominal de ação transitiva não marcada, ocupa a mesma posição precedendo o nominal de ação, como ocorre com o único argumento de uma construção nominal de ação intransitiva (p. 349). Isto ocorre principalmente em construções com posse dupla, em que o argumento A precede o argumento P.

Outro aspecto relevante abordado por Reiter refere-se à função de modificadores das construções nominais de ação dentro do SN, modificadores analisados como cláusulas relativas. Nesse caso, as nominalizações que se posicionam pospostas à cláusula matriz que modificam, são marcadas por nominalizadores: o sufixo *-ap* para a relativização de sujeito e o prefixo *mi-* para a relativização de objeto. Esses afixos se posicionam imediatamente à direita da raiz verbal, no caso de *-ap*, e à esquerda da raiz verbal no caso de *mi-*.

Na seção final do artigo, Reiter apresenta alguns argumentos para apoiar sua hipótese de que os nominais de ação formados com o sufixo *-tu* quando ocorrem como predicados nas orações principais, são equivalentes em função aos predicados verbais finitos (p. 356).

E por último, temos o artigo “Reconstructing the copulas and nonverbal predicate construction in Cariban” (p. 365-402 de Spike Gildea que fecha a coletânea de artigos incluídos nessa publicação. Gildea apresenta um panorama da predicação não-verbal na família linguística Karib, o intuito é identificar as funções das cópulas e reconstruir as várias formas atestadas no Proto-Karib.

Com base nos pressupostos de Payne (1997) sobre as funções dos predicados não verbais, Gildea focaliza os dois tipos mais comuns de construções não-verbais: i) as construções de justaposição, ii) construções copulares. No primeiro caso, o predicado ocorre simplesmente justaposto a seu sujeito nominal, ordem que varia dependendo da língua específica. Por exemplo, em Makuxi, Tiriyo, e Apalai, a ordem é Sujeito-Predicado e Predicado-Sujeito em Akawaio, Panare e Hixkaryana. Contudo, na maioria das línguas Karib podem ocorrer os dois tipos de ordem. Em termos de suas funções, quando o predicado identifica o sujeito como um único indivíduo a função é equativa, quando o predicado especifica o sujeito como membro de uma determinada classe, a função é inclusão própria. Quando o predicado é um nominal de propriedade, advérbio

ou adposição nominalizados a função é atributiva, quando é uma forma de propriedade nominalizada a função é possessiva.

Em construções copulares há pelo menos seis possíveis ordens lógicas de posição da cópula na relação Sujeito e Predicado, mas em caso algum a cópula ocorre em posição inicial, também parece não ocorrer a ordem Sujeito Predicado Cópula. As mais comuns nas ocorrências são Sujeito Cópula Predicado, Predicado Cópula Sujeito e Predicado Sujeito Cópula. A categoria lexical mais comum do predicado é dada por um advérbio ou por um SN posposicional; por sua vez, a posposição *me/pe* ‘atributivo/denominalizador’ parece ter a função de ESSIVO.

Além das construções de justaposição e das copulares, Gildea descreve as construções existenciais, que como assinala, é um tópico ainda pouco explorado nos estudos das línguas Karib. Esse tipo de construção, segundo a análise do autor, estrutura-se em termos de sujeito e cópula, contrastando com a estrutura típica de predicado adverbial com cópula. Nas construções existenciais o predicado consiste de uma partícula genérica ‘existencial’, que por hipótese, teria sua origem em um advérbio locativo. Em Wayana, por exemplo, ocorre a partícula locativa adverbial *moro*, como o seguinte exemplo citado pelo autor:

(5) Língua Wayana (Gildea 2018: 373)

	S	LOC/EXIST?	S.COP
[ <i>tuna</i>	<i>sitpìri</i> ]	<i>moro</i>	<i>manu</i>
água	ruim	SPMEDLOC	3COP

‘Água ruim está lá’ (em a nossa leitura poderia ser também: ‘água ruim há/existe lá’)<sup>3</sup>

Na segunda parte de seu artigo, Gildea descreve sistematicamente a reconstrução de dois verbos copulares, que são morfologicamente distintos um do outro: i) *\*a(p)* ‘COP1’ e ii) *\*eti* ‘COP2’, formas que se relacionam com as línguas Kari’nja, Panare, Makuxi e Akawaio. No caso das línguas Apalai, Arara, Hixkaryana, Ikpeng, Katxuyana, Tiriyó, Waimiri, Wayana e Ye’kwana, esses dois verbos se fusionaram em um único paradigma supletivo (p. 376). Ele apresenta diversos argumentos que considera *\*a* ‘COP1’ como a forma copular mais antiga, enquanto *\*eti* ‘COP2’ postulada como a forma relativamente mais recente. Contudo, segundo a sua conclusão, ambas as formas copulares já estavam presentes no Proto-Karib; sincronicamente, as poucas línguas Karib que ainda mantêm essas formas como independentes são vistas como línguas conservadoras. Por outro lado, a maioria de línguas Karib que fusionaram essas duas formas em um único paradigma supletivo são abordadas como línguas inovadoras (p. 389).

Como apêndice de seu artigo (p. 396-402), Gildea exhibe uma lista de 33 tabelas com os paradigmas copulares de algumas línguas Karib selecionadas, com as correspondentes indicações de onde foram extraídas. Isto é muito relevante para os leitores interessados em confirmar os dados citados no texto desse autor.

Desse modo, o livro “Nonverbal predication in Amazonian languages” é uma valiosa contribuição nos estudos sobre a predicação não-verbal nas línguas naturais, sobretudo das línguas originárias atualmente faladas na América do Sul. Os artigos incluídos no

<sup>3</sup> A observação em parêntese feita por C. C. Miranda e A. Corbera Mori.

volume são trabalhos originais, escrito por pesquisadores com uma ampla experiência de trabalho direto em lugares específicos onde são faladas cada uma das línguas abordadas nesse volume.

Esta publicação é um ótimo começo para os pesquisadores que têm como foco de estudo as línguas amazônicas e que se interessem pelo tema da predicação nominal, pois, como se pode perceber em cada artigo elencado no volume, essas línguas apresentam características que, muitas vezes, foram negligenciados tanto pela teoria linguística como pelos estudos tipológicos. Apenas como exemplo podemos citar alguns casos registrados nessa publicação:

i) a predicação não-verbal, dada através de construções que assinalam temporalidade, ou aquelas com função de sentido simultâneo de predicação existencial e de quantificação, descrito por Françoise Rose em seu artigo sobre a predicação não-verbal na língua Mojeño Trinitario,

ii) os estudos no campo da linguística ameríndia mostram que em línguas Tupi-Guarani as fronteiras entre as categorias lexicais adjetivo e verbo não são discretas, característica também presente na língua Ninam, como mostra o texto de Gómez (p. 245-259). Igualmente, há muitas dúvidas em torno à existência de categorias separadas de adjetivo e advérbio em línguas Karib, entre outros casos. Nesse sentido, o texto sobre a predicação não-verbal em Movima (Haude 2018: 216-244) é muito relevante, pois a autora mostra que o traço característico nessa língua falada na região da Amazônia boliviana é a não distinção clara entre as categorias de nome e verbo. Não temos referências se esse tipo de característica também ocorra em outras línguas amazônicas, sendo assim, um tópico bastante relevante para pesquisar. Sem dúvida, estudos sistemáticos em torno às categorias lexicais são necessários para poder entender as estratégias que as línguas indígenas usam para organizar as estruturas tanto de predicação verbal quando de predicação não-verbal.

A editoração do livro é muito boa, com um mínimo de erros detectados, por exemplo, no capítulo 1, foi citado de forma errada o volume em que foi publicado o artigo de Dryer (2007), há outro texto que está faltando algum registro da abreviatura usada, ou a falta da inclusão de um autor nas referências, porém citado no corpo do artigo correspondente.

Em termo gerais, a coletânea de artigos elencados em *Nonverbal predication in Amazonian languages* é uma valiosa contribuição no campo dos estudos tipológicos e empíricos da predicação não-verbal nas línguas ameríndias, sobretudo das línguas amazônicas. Além disso, esta publicação representa uma importante referência de consulta para todos os interessados no tema da predicação, assim como daqueles interessados na procura de explicações de como surgem os tipos de predicação não-verbal nas línguas do mundo.

---

## Referências

- Birchall, Joshua (2014). *Argument marking pattern in South American languages* (Ph.D. dissertation). Utrecht: Radboud University Nijmegen, LOT publications.  
[https://www.academia.edu/6805680/Argument\\_marking\\_patterns\\_in\\_South\\_American\\_languages](https://www.academia.edu/6805680/Argument_marking_patterns_in_South_American_languages)

## CORBERA MORI e MIRANDA –Nonverbal predication...

Dixon, R. M. W. (2010). *Basic linguistic theory, vol. 2: Grammatical topics*. Oxford: Oxford University Press.

Dryer Matthew S. ((2007). Clause type. In Timothy Shopen (ed.). *Language typology and syntactic description, vol. 1: Clause Structure*, 2nd edn, pp. 224-275. Cambridge: Cambridge University Press.

Givón, T. (2001). *Syntax*, vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Heine, Bernd (1997). *Possession: Cognitive sources, forces, and grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hengeveld, Kees (1992). *Nonverbal predication: Theory, typology, diachrony*. Berlin: De Gruyter.

Overall, Simon E.; Vallejos, Rosa; Gildea, Spike (2018). *Nonverbal predication in Amazonian languages* (Typological Studies in Language 122). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Payne, Thomas E. (1997). *Describing morphosyntax: A guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Peña, Jaime (2015). *A grammar of Wampis* (Ph.D. dissertation). Eugene: University of Oregon.  
<https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/handle/1794/19730>

Stassen, Leon (2009). *Predicative possession*. Oxford: Oxford University Press.

Recebido: 30/12/2019

Versão corrigida: 8/1/2020

Aceito: 10/1/2020

14

LIAMES, Campinas, SP, v. 19, 1-14, e019022, 2019